

## AS VELAS DO SABÁ

MARSHA ARONS

Uma sexta-feira por mês, na parte da manhã, dou um plantão no hospital da minha cidade, distribuindo velas do Sabá para as pacientes judias. Pela tradição, as mulheres judias saúdam o Sabá acendendo velas, mas, como há risco de incêndio, nós oferecemos velas elétricas que se acendem na tomada no início do Sabá judeu, na sexta-feira, ao' cair do sol. O Sabá termina no sábado à noite. No domingo de manhã, recolho as velas e as guardo até a sexta-feira seguinte, quando outra voluntária estará encarregada da distribuição.

Numa sexta-feira de manhã, numa das enfermarias, conheci uma senhora bem idosa. Seu cabelo curto era branco e fofo, sua pele, amarelada e enrugada. Ela parecia pequena na cama, o cobertor puxado até debaixo dos braços e as mãos descansando sobre a coberta, velhas e retorcidas, mãos cheias de experiência. Mas seus olhos eram claros e azuis e, quando ela me cumprimentou, a voz era surpreendentemente vigorosa. Seu nome era Sara Cohen.

Ela disse que estava me esperando, que nunca deixava de acender velas em casa e que bastava eu colocá-las na tomada ao lado da cama, onde pudesse alcançar. Ficou claro que ela estava familiarizada com a rotina.

Fiz o que ela pediu e lhe desejei um bom Sabá. Quando me virei para sair, ela disse serenamente: "Espero que os meus netos cheguem a tempo de se despedirem de mim." Senti um choque com a maneira pela qual ela falava da iminência de sua morte. Toquei de leve sua mão e disse que eu também esperava que eles chegassem a tempo.

Quando saí do quarto, quase esbarrei numa jovem que parecia ter uns vinte anos. Ainda ouvi a senhora Cohen dizer:

"Malka, fico feliz de você ter vindo. Onde está David?" Continuei a ronda, pensando se David também chegaria a tempo. Acho que, de alguma forma, cada uma dessas mulheres me lembra a minha mãe quando estava no hospital. É triste pensar na dor de quem vai perder um ente querido. Acho que foi por isso que fui trabalhar como voluntária.

Durante todo o Sabá eu não consegui parar de pensar na senhora Cohen e seus netos. No domingo de manhã, voltei ao hospital para recolher as velas. Quando me aproximei do quarto da senhora Cohen, vi sua neta sentada do lado de fora. Ela olhou em minha direção ao ouvir o barulho do carrinho.

"Por favor", ela pediu, "a senhora pode deixar as velas por apenas mais algumas horas?"

Fiquei surpresa com o pedido, mas ela explicou. Disse que a avó ensinara a ela e ao irmão, David, tudo o que eles sabiam sobre a religião. Os pais dos dois se separaram quando as crianças ainda eram pequenas e, como trabalhavam muito, deixavam os filhos com a avó na maioria dos fins de semana.

"Ela preparava o Sabá para nós", disse Malka. "Ela cozinhava, deixava tudo limpo e a casa brilhava e cheirava de um jeito... tão especial que nem consigo explicar. Meu irmão e eu encontrávamos em sua casa uma coisa que não existia em nenhum outro lugar.

Não sei como fazer a senhora entender o que o Sabá significava para nós - para todos nós, vovó, David e eu -, mas era um momento especial nas nossas

vidas. David agora vive em Israel. Só consegui um vôo para chegar hoje. Deve chegar lá pelas seis.

Então, se a senhora puder, por favor, deixe as velas até essa hora." Eu não entendia o que as velas tinham a ver com a chegada de David. Malka explicou: "Para minha avó, o Sabá sempre foi nosso dia de felicidade. Ela não ia querer morrer no Sabá. Se ela acreditar que ainda é o Sabá, talvez ela possa agüentar até que David chegue. Espere até ele poder se despedir dela." Era impossível negar o pedido. Que coisa extraordinária a força que aquela mulher usava para permanecer viva.

E não era por si que ela estava fazendo o esforço. Por sua atitude, ela deixara claro que não temia a morte. Ela parecia saber e aceitar o fato de que sua hora havia chegado e estava pronta para ir.

Para mim, Sarah Cohen personificava uma espécie de força e de amor extremamente raros. Ela estava disposta a concentrar toda a sua força para que as pessoas que amava não associassem a beleza e a alegria do Sabá à tristeza por sua morte. Quando me aproximei do quarto no domingo à noite, senti as lágrimas subirem aos meus olhos. Olhei e vi a cama vazia e as velas apagadas.

Então ouvi uma voz atrás de mim, dizendo docemente: "Ele conseguiu."

Olhei para Malka, que já não chorava mais.

David chegou esta tarde. Ele está fazendo suas preces agora. Ele pôde dizer-lhe adeus e trouxe notícias que a alegraram - ele e a mulher vão ter um bebê. Se for menina, vai se chamar Sarah." De uma certa forma, nada disso me surpreendeu.

Enrolei o fio elétrico à volta da base das velas. Elas ainda estavam quentes.